

REFLEXÕES TEÓRICAS E ABORDAGENS PRÁTICAS PARA O ENSINO DA SINTAXE NA REALIDADE ESCOLAR ATUAL

Pedro Dorneles da Silva Filho

PALAVRAS INICIAIS

Este texto pretende ser uma tentativa de levantar algumas questões sobre o ensino de língua portuguesa do Brasil, na escola do século XXI, sobretudo na esfera da sintaxe. Não se pretende por aqui revolucionar as estruturas substanciais da prática docente, mas sim, compartilhar algumas observações cotidianas do ensino e aprendizagem do português contemporâneo. Fazendo com que, de alguma maneira, os leitores desse escrito se identifiquem ou até mesmo passem a aderir certas estratégias práticas em sala de aula, a fim de que o uso dos instrumentos linguísticos faça sentido dentro de situações concretas de comunicação e, principalmente, que os nossos alunos consigam perceber tal fenômeno.

A língua (gem) é nossa aliada na produção de sentido, capaz de desencadear o processo comunicativo, porém, não é dessa a forma que, na maioria das vezes, os alunos a enxergam. Fazer com que eles saibam identificar a classe de palavras a qual um vocábulo pertence, a função sintática de um termo, o valor de um pronome relativo, tudo isso é válido sim, mas, principalmente, devemos levá-lo a perceber com clareza qual a relevância dessas estruturas dentro de outra estrutura maior: o texto (seja escrito ou oral).

O ensino da gramática aplicada é um verdadeiro sonho dos docentes, mas não se deve considerá-lo a única maneira de se ensinar a gramática de língua portuguesa, até porque, como o aluno vai perceber que aqui, ali ou acolá, fora usada, por exemplo, uma oração com função caracterizadora, portanto, com valor de adjetivo e, por conseguinte, uma oração subordinada adjetiva, se o discente mal sabe o que é um artigo definido e sua importância?

A problemática habita, pois, nessa nossa vontade, muitas vezes até involuntária, de sermos maniqueístas, no sentido de querer enveredar nossa prática docente numa só linhagem. Opta-se ou pela rijeza dos cânones gramaticais presos em análises intermináveis de frases estanques, sem sentido e descontextualizadas ou, em contrapartida, opta-se pelo sonho dourado de uma gramática aplicada, ainda que os alunos sequer tenham conhecimentos elementares sobre a dinâmica sistêmica da língua. Sendo assim, que deve ser feito para conseguirmos alcançar resultados satisfatórios na aprendizagem efetiva de português nos dias atuais?

Mesclar, nas aulas, a forma de abordar os assuntos exigidos pelos parâmetros curriculares nacionais, dando voz ao tradicional ao se apresentar algumas definições e conceitos e, em outro momento, não menos importante, apresentar a aplicação desses conceitos em textos dos mais diversos gêneros, para que o aluno perceba (se), dentro do processo, o poder que a língua (gem) possui e que ele, usuário/ falante dessa língua, pode sim ser o regente dos tantos instrumentos que ela oferece.

O professor de português não deve ser um simples reproduzidor das regras e excepcionalidades da gramática tradicional, mas sim, aquele que disponibiliza aos seus alunos ferramentas que o idioma tem para se garantir uma comunicabilidade coerente e adequada aos moldes de cada situação. Fazendo com que se perceba a língua como uma aliada, ferramenta usada para nos traduzir e demarcar a nossa identidade no mundo, noção esta que ainda, infelizmente, é bem prematura nas escolas públicas e privadas do Brasil.

O professor extremamente tradicionalista e aquele que aborda uma gramática já aplicada sem apresentar os conceitos elementares do que estiver sendo analisado terão resultados ruins em suas aulas e no rendimento de uma aprendizagem concreta. Explicar, por exemplo, que o uso do predicado nominal é importante para a produção de textos descritivos, pois tal tipo de texto possui predominantemente elementos caracterizadores, é algo interessante a se fazer, mas antes, o aluno precisa de dados teóricos básicos de tais estruturas a serem analisadas dentro do texto.

É fundamental dizer que não se pretende por aqui uma defesa ao tradicionalismo gramatical nem do ensino de uma gramática contextualizada sem antes conhecer definições básicas, mas sim, mostrar que a realidade do docente de língua portuguesa na sala de aula hoje é sustentada em três questões primordiais e que precisam ser encaradas por nós.

Primeiramente é a consciência de que há um programa pré-estabelecido e que deve ser cumprido durante o ano letivo, com abordagens da gramática normativa considerada sistema idiomático oficial no país. Segunda questão é o desinteresse pelo estudo da língua cada vez maior entre os jovens, muitas vezes por causa de experiências fracassadas e traumáticas na aprendizagem de português, graças a métodos enfadonhos e ultrapassados e, por fim, mas não menos importante, a terceira questão que se emoldura no fato de que muito do que é passado aos alunos não se lhes apresenta como algo pertinente na produção de textos (orais e/ou escritos).

Com isso, defende-se por aqui um ensino de português pautado num equilíbrio entre o conceitual e o aplicável, em que o aluno precisa primeiro CONHECER para depois, RECONHECER e USAR as diversas ferramentas desse tão complexo sistema que é a língua portuguesa. É preciso apresentar as classes, sons, funções e sentidos das palavras aos discentes, aprimorando, a seu tempo, tais conhecimentos, para que, dessa maneira, eles leiam e produzam textos sabendo como funcionam os arranjos sentenciais para que o sentido e a interação emissor/receptor ocorra efetivamente.

Considerou-se interessante iniciar este trabalho trazendo à tona essas questões, pois antes de falarmos especificamente sobre algumas estratégias que poderão auxiliar num efetivo aprendizado da sintaxe nas aulas de português, é preciso refletir que tipo de aula estamos ministrando, que influências recebemos, quais nossos métodos de ensino e quais as reais necessidades dos nossos alunos. Falar sobre o ensino de sintaxe na atualidade não é só interessante, mas também importantíssimo. Contudo, primeiramente foi imprescindível fazer uma apresentação, um preâmbulo, uma anunciação sobre o ensino não só da esfera sintática, mas da gramática em geral nos dias atuais. Por isso, levantadas essas questões, migremos para a esfera específica que nos interessa neste presente estudo.

Serão abordados aqui alguns assuntos do campo da sintaxe como: os conceitos e a importância dos adjuntos adnominais na construção textual, sintaxe do período composto por

subordinação e tipos de predicado na produção de determinados gêneros textuais. Além dos conceitos trazidos pelo sistema oficial do nosso idioma (a gramática normativa) será discutido o funcionamento desses conceitos como instrumentos eficazes na consolidação do processo de coesão do texto. Numa busca, como falado acima, pela conciliação entre as regras estabelecidas como oficiais na gramática e seus usos em situações textuais concretas, onde ficarão evidenciadas a importância da aprendizagem do português na vida sócio-comunicativa dos alunos, cidadãos falantes e usuários da língua matriz em questão, o português.

A LÍNGUA, A LINGUAGEM E O ENSINO

Neste texto serão abordadas de uma maneira bem sucinta algumas questões importantes relacionadas ao uso da Língua como forma de expressão, associando as concepções de língua e linguagem com o ensino de português. Nós, professores, aqueles que ensinam esse sistema oficial, repleto de regras, exceções, códigos e arranjos intermináveis, não devemos nos prender apenas a tais códigos e regras como elementos engessados em moldes sem recorrência e uso. E sim, devemos, antes de ensinar, perceber a língua como a matéria prima na constituição da linguagem verbal. A visão do profissional sobre a própria esfera do conhecimento em que atuará (ensino de língua e linguagem) é o primeiro passo numa caminhada por resultados bons em sua atuação.

A língua não pode ser encarada pelo educador como um mero sistema de códigos e regras, mas sim, como ferramenta, instrumentação imprescindível para se produzir sentido na enunciação. Inerente a nós, já existe a predisposição de formular sentenças para nos fazermos entender no redemoinho da comunicação com o outro e com o mundo, como já defendera Chomsky. Mas além de produzir sentenças, deve-se, com o ensino de português, refletir essa produção e uso que tanto fazemos nessa nossa busca de significação.

É importante, pois, que percebamos língua e linguagem sob esta ótica. O ensino, dessa maneira, torna-se efetivo e o sentido de se ensinar e aprender português deixa de ser um esboço quase sumido nos escombros da rejeição dos alunos e passa a fazer parte da compreensão dos mesmos, que, por sua vez, entenderão o porquê da existência dessa rede tão extensa de conceitos e regras da gramática oficial.

Para que eles e nós possamos ver um sentido verdadeiro no ensino e na aprendizagem do português, é preciso entender juntos língua e linguagem como uma espécie de binômio → Matéria prima e Produto. O que nos favorecerá para que tal fato ocorra, é o contato com a diversidade de textos. Na variedade de gêneros textuais, em diferentes situações comunicativas, o aluno poderá usar os instrumentos oferecidos pelo sistema linguístico para melhor compreender as relações de sentido estabelecidas nesses textos.

A luta se expressa, então, pelo avanço de uma perspectiva de ensino gramatical em que não se priorize o prescritivo nem o puramente textual, mas sim, um ensino de encontros. Entre língua e uso, aluno e ferramentas linguísticas, professor e êxito. A presença do texto, materialização do discurso (expressão humana) é, pois, muito importante para consolidar essa parceria, conforme

nos aponta Travaglia em *Uma proposta para o ensino de gramática*, capítulo de seu livro *Gramática e interação*, ao afirmar que:

A perspectiva textual tem a possibilidade de fazer com que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que a gramática é a própria língua em uso. Isto muda também o conceito de gramática que será usado no ensino de língua materna, pois passa-se ver como integrando a gramática tudo o que é utilizado e/ou interfere na construção e uso dos textos em situações de interação comunicativa e não só o conhecimento de alguns tipos de unidades e regras. (TRAVAGLIA, 2009, p.109)

A SINTAXE NA GRAMÁTICA NORMATIVA E NO USO CONCRETO

Neste momento da pesquisa traremos à tona a abordagem central deste artigo: o conceito, o ensino e a aprendizagem de algumas questões sobre a sintaxe. Serão citados alguns gramáticos normativos, linguistas e autores de livros didáticos, a fim de tentarmos vislumbrar o discurso de cada um e, com isso, perceber até que ponto suas abordagens convergem ou divergem.

Como já mencionado anteriormente, serão abordados alguns pontos acerca da sintática, tais como: Adjuntos adnominais e sua importância, tipos de predicado na construção do texto e sintaxe do período composto por subordinação. E como esses assuntos aparecem nas definições da gramática prescritiva e nos livros didáticos recentes, cuja proposta de ensino gramatical tem sido repensada.

Dessa forma, considera-se importante reiterar que, com o presente escrito, não se pretende determinar as estratégias práticas de ensino da sintaxe, muito menos considerá-las formas infalíveis na aprendizagem da língua materna, mas sim, refletir a atuação profissional do professor de português na atualidade e contribuir com aquele que compartilha da mesma visão da necessidade de repensar a prática docente, a fim de tornar seguramente a comunidade discente capacitada para compreender a interrelação entre língua e uso.

a) Adjuntos adnominais: conceitos, controvérsias e uso efetivo

Os adjuntos adnominais são categorizados pela gramática normativa oficial no grupo dos termos acessórios de uma oração. Para contemplarmos tal conceito, observemos como *Celso Cunha & Lindley Cintra* fazem essa definição:

Chamam-se ACESSÓRIOS os TERMOS que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um novo dado à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação. São termos acessórios: a) O adjunto adnominal; b) O adjunto adverbial; c) O aposto. [...] ADJUNTO ADNOMINAL é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste. (CUNHA, 2001, pp.148-149)

O gramático expressa claramente não ser indispensável ao entendimento do enunciado o termo tido como adjunto adnominal, o que o torna pertencente ao grupo dos termos da oração considerados apenas como acessórios. Tal conceito fica contraditório na constatação aplicada em certos textos, cuja compreensão só se dá graças à presença crucial dos adjuntos.

Sendo o professor de português o mediador entre ferramentas linguísticas e suas aplicações concretas em experiências textuais, como apresentar tal ponto da gramática aos alunos?

Como dizer ser o adjunto um termo dispensável, se na leitura e interpretação do texto eles aparecem como elementos fundamentais para a compreensão do mesmo? Sendo a definição da gramática prescritiva considerada oficial, como fazer para repensá-la de modo que não seja mais um motivo de rejeição por parte dos alunos ao sistema normativo da língua?

Apresentar aos alunos o adjunto adnominal como um termo capaz de especificar, qualificar ou determinar um núcleo (referente) é pertinente, mas daí a julgá-lo acessório e dispensável ao entendimento do enunciado, não. Com a consciência da importância do adjunto adnominal para referenciar o texto, William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães em *Gramática reflexiva do 7º ano*, livro didático pertencente coletânea adotada por algumas escolas de ensino básico na rede pública e privada, trazem o seguinte conceito: “Adjunto adnominal é o termo da oração que qualifica, especifica, determina ou indetermina um substantivo, qualquer que seja sua função sintática.” (CEREJA, 2012, p.148). Não se vê designação deste termo como acessório.

Ainda no mesmo livro dos autores e no volume único da coletânea, *Gramática: texto, reflexão e uso*, há um boxe explicativo em que se fala da importância do adjunto na construção e entendimento textual, deixando evidente o valor que este termo incide ao elemento a que se refere e, acima de tudo, apontando até para nós professores, uma nova perspectiva sobre a categorização do adjunto adnominal, diferente da gramática prescritiva que, como já visto, designa-o como termo acessório. O que nos diz o boxe intitulado “*Para que serve o adjunto adnominal?*”:

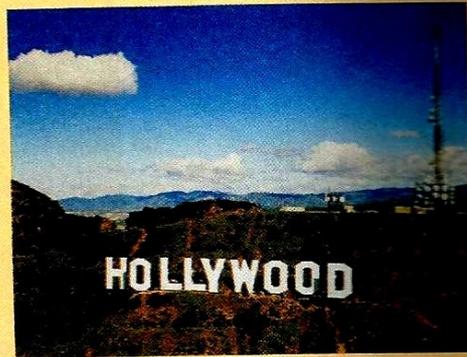
Você já imaginou como seria difícil distinguir a terra **seca** da terra **fértil**, o doce **de leite**, do doce **de abóbora** sem o adjunto adnominal? Os seres que nos cercam são reconhecidos por suas características: tamanho, peso, matéria, qualidades, defeitos. Quando nos referimos a eles, é o adjunto adnominal o termo sintático responsável pela caracterização e especificação dos nomes (núcleos), independentemente da função sintática que possam desempenhar na oração. (CEREJA, 2008, p.301).

Para isso, o mesmo livro traz uma série de textos (de diferentes gêneros) no capítulo *adjunto adnominal* revelando o funcionamento desse recurso linguístico em seu uso numa dada situação textual concreta, reiterando nas palavras de Travaglia: “Flagrante, assim, a língua em seu uso”. Vejamos, pois, a figura 1, imagem retirada do, até então, referido livro supracitado. Imagem esta que contém um texto, cuja presença e importância do adjunto adnominal são extremamente evidenciadas.

Figura 1 - Texto

Por que Hollywood se tornou a capital do cinema?

Foram dois os motivos centrais que atraíram os primeiros produtores da indústria cinematográfica americana para Los Angeles (cidade onde fica o distrito de Hollywood): o clima californiano e a distância de Nova York. O primeiro era perfeito para filmagens: o sol brilhava o ano todo e as paisagens podiam ser facilmente adaptadas às mais variadas tramas — há ali tanto deserto quanto mar e montanhas para serem utilizados como cenários naturais. O segundo motivo explica-se pelo fato de os cineastas e produtores tentarem escapar do controle de patentes que o inventor americano Thomas Edison (1847-1931) tentava impor em Nova York. Depois de criar o kinetoscópio — precursor do cinematógrafo francês (lançado na França pelos irmãos Lumière dois anos depois) — Edison obteve tanto sucesso que criou uma empresa [...] só para tentar controlar a lucrativa nova mídia. [...]



Fon
te:

(*Superinteressante*, nº 180, ed. especial: Mundo Estranho.)

(CEREJA, 2008, p.299)

O texto apresentado pela imagem acima já traz algumas estruturas grifadas que, no momento de interpretação textual, os alunos terão que designar quem são os elementos referentes e quais os referidos, para treinarem a capacidade de identificar núcleos e referenciais dentro de um texto, isto é, “de quem/ de que se fala?”.

O autor ainda, para aguçar a reflexão do aluno, pede para que esse se posicione, tecendo comentários sobre a importância dos termos caracterizadores no entendimento pleno do texto, ou seja, fazendo com que o aluno perceba o valor substancial do adjunto no estabelecimento das relações de sentido intrínsecas ao texto.

A forma usada pelos autores dos livros didáticos citados para abordar esse ponto da gramática prescritiva, o adjunto, é eficaz no sentido de fazer com que o aluno entre em contato com uma situação textual concreta em que o uso de determinado instrumento linguístico fora imprescindível. Nota-se que, em textos, cuja função da linguagem predominante é a referencial, é mais recorrente o uso, o valor e a importância dos adjuntos adnominais, por isso, para montar uma aula de português com a temática adjunção, pode-se priorizar textos de diferentes gêneros textuais, mas que apresentem bastantes elementos com esse valor.

Com o que fora apresentado acima, podemos perceber que não foi desprezado de todo o uso da prescrição da gramática normativa, mas sim, valoriza-se não a regra em si, fechada na sua definição rija, mas sim, preza-se pela sua ocorrência dentro de um dado contexto. Assim, viu-se o quanto é possível e simples estimular a aprendizagem das regras gramaticais em sua aplicação, fazendo com que o aluno encare o sistema idiomático do qual faz parte como algo integrado a sua vida.

b) A sintaxe de período composto por subordinação

Na gramática prescritiva, o enunciado formado por mais de uma oração é denominado período composto e, ainda, quando a relação de sentido estabelecida por essas orações é de dependência gramatical, teremos um período composto por subordinação. Como podemos constatar: “As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se subordinadas. O período composto de orações subordinadas e uma oração principal denomina-se composto por subordinação.” (CUNHA, 2001, p.594)

Assim nos é apresentado o conceito de período composto por subordinação e, ainda, as diversas subclassificações das orações subordinadas. Sendo necessário cumprirmos nosso papel de professor de língua portuguesa numa perspectiva de vislumbrar o uso gramatical, a aplicação efetiva dos conceitos na formulação textual, como fazer com que o aluno possa perceber a importância da aprendizagem desse processo? Com classificações das orações de um período descontextualizado, extraído aleatoriamente? Como trazer esses conceitos para a realidade de situações comunicativas concretas dentro de experiências textuais reais?

Uma das alternativas é, antes de tudo, apresentar os conceitos elementares como: como identificar a estrutura oração? Que tipo de relação as orações mantêm dentro de um período (dependência ou independência entre si)? Qual valor morfológico essa oração ocupa dentro do contexto em que se insere e quais suas funções dentro da estrutura-texto? Para isso, são necessários exemplos de trechos de textos que usam tais estruturas como base fundamental na formação de sentido. Veja um possível exemplo abaixo:

I - As instituições que possuem caráter não governamental têm auxiliado algumas pessoas a se inserirem na sociedade de forma digna e, assim, alimenta-se a necessidade de que se mantenha o sonho de uma vida melhor, sempre...

O exemplo supracitado traz duas construções oracionais em destaque (em itálico), cujos valores morfológicos são, respectivamente, **adjetivo** e **substantivo**. Na primeira oração - “*que possuem caráter não governamental*”- vemos uma estrutura que caracteriza o termo “As instituições”, especificando-o. Portanto, tal oração tem valor de adjetivo e, por conseguinte, trata-se de uma oração subordinada adjetiva. Já na segunda construção oracional - *de que se mantenha o sonho de uma vida melhor*, sempre... - a oração desempenha valor de substantivo, tratando-se, pois, de uma oração subordinada substantiva.

Vejamos, a seguir, a substituição de tais estruturas oracionais por palavras ou expressões sem uso de verbo, para ratificar as informações acima. A ver:

II - As instituições não governamentais têm auxiliado algumas pessoas a se inserirem na sociedade de forma digna e, assim, alimenta-se a necessidade da manutenção do sonho de uma vida melhor, sempre...

Constata-se, com isso, que essas estruturas oracionais podem ser substituídas por outras menores para tornar o texto mais objetivo, claro e preciso. Dessa forma, o aluno percebe com maior nitidez o quanto é importante conhecer a possibilidade de reduzir ou prolongar uma ideia na construção textual, atendendo o gênero ou tipo textual o qual precisa produzir. Por exemplo, na produção de um texto dissertativo-argumentativo, é imprescindível prezar pela objetividade,

clareza e precisão e, sendo assim, é prudente optar pelas formas mais reduzidas/enxutas dentro da referenciação coesiva textual.

O aluno, que geralmente sente dificuldades nas diversas subclassificações das orações subordinadas propostas pela gramática prescritiva, passará não somente a memorizar categorizações, mas, sobretudo, a entender como elas funcionam dentro das relações de sentido estabelecidas no texto. Como funcionam e a que se referenciam, enxergando até um significado maior na aprendizagem desse conteúdo muitas vezes rejeitado por tantos discentes, pelo fato de só terem experimentado exercícios de memorizações de intermináveis classificações de orações subordinadas.

Talvez não seja essa a melhor estratégia para se apresentar esse conteúdo em qualquer turma, mas, indubitavelmente, é um mecanismo prático e eficaz de se apresentar ao aluno os possíveis dispositivos que a língua fornece rumo ao propósito maior: A possibilidade da existência da coesão e conseguinte coerência textual a fim de que o processo de comunicação se efetive verdadeiramente. Até por que é necessário, segundo Travaglia, “que o usuário da língua busque estabelecer uma interação comunicativa por meio da língua, o que lhe permite ir construindo o seu texto de modo adequado à situação, aos seus objetivos comunicacionais.” (TRAVAGLIA, 2009, p.33).

c) Tipos de predicado

Chama-se de predicado, segundo a gramática normativa, a estrutura que consiste em uma declaração acerca de um sujeito. Como podemos constatar na definição extraída da *Nova gramática do português contemporâneo*, ainda de Cunha, que nos diz que o “SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do sujeito.” (CUNHA, 2001, p.122). Classificando-se ainda, o predicado em três categorias: 1. Predicado verbal, 2. Predicado nominal e 3. Predicado verbo-nominal.

Em suma, o 1 sendo aquele que apresentar, segundo Cegalla (2008), como núcleo, um nome (substantivo, adjetivo, pronome), ligado por um verbo que indica estado (de ligação) ao sujeito. O predicado verbal, posto aqui como 2, tem como definição, segundo Cunha (2001), aquele que apresenta como seu núcleo um verbo significativo (que expressa ação). E, por fim, o predicado verbo-nominal que, segundo Cegalla (2008) é a combinação dos dois tipos de predicado, isto é, apresenta dois núcleos, um verbo significativo e um nome com valor predicativo.

O aluno de língua materna, para compreender essas relações entre os termos de uma oração, precisa de algo concreto, material textualizado, a fim de que, no exemplo, vislumbre a ocorrência desses procedimentos estruturais. E mais que isso, algo que constate a relevância na produção textual, de alguma forma.

No livro *Gramática: texto, reflexão e uso*, já citado acima, há uma abordagem bem interessante ao se tratar dos tipos de predicado. Para constatar e comentarmos posteriormente sobre essa afirmativa, a imagem de uma página do livro supracitado foi extraída, na íntegra, em que os autores direcionam o conceito dessa esfera do saber sintático para a prática efetiva textual. Vejamos:

Figura 2 – Página na íntegra: Texto e interpretação



Manequim

Uma é grande.
Outra é pequena.
Uma aperta na cintura.
Outra amassa o bumbum.
Uma está larga.
Outra não fecha.
Vamos tentar de novo...
Com essa eu pareço um balaio.
Com essa eu me sinto um palito.
Com essa eu não posso comer.
Com essa não dá pra sentar.
Com essa... nem pensar,
vou ficar nua na rua!
É inútil insistir...

A culpa não é da marca,
nem da loja.
O erro é desse corpo
desproporcional,
fora de esquadro,
esquisito e torto,
fabricado sem número de série
nem controle de qualidade!
Ai que raiva... ai que ódio!

(Sementes de sol. São Paulo: Moderna, 1992. p. 8-9.)

Font
e :
(CER
EJA,
200
8 ,
p.29
2)
Prim
eira
men
te, o
auto
r do
livro
faz
perg
unta
s
acer
ca
da
situa
ção
enun
ciad
a
pelo
poe
ma,
a
sua

?
Para que servem os predicados?
Existem orações sem sujeito, mas não existem orações sem predicado. Logo, o predicado é a parte mais importante das orações, pois nele se situa o verbo, que é a base da linguagem verbal.
O predicado é a expressão direta da existência humana, pois informa o que fazemos (predicado verbal) e como somos ou estamos (predicado nominal).

- O poema retrata uma situação bastante comum, vivida pelo eu lírico.
 - Na sua opinião, o eu lírico é masculino ou feminino? Justifique sua resposta com elementos do texto. *É feminino, como comprova o emprego da palavra nua.*
 - Qual é essa situação vivida pelo eu lírico? *A situação de provar várias roupas e não gostar de nenhuma delas.*
- O eu lírico faz referências vagas a uma peça do vestuário, empregando palavras como **uma**, **outra** e **essa**. De que peça você acha que se trata? Justifique sua resposta com elementos do texto. *Uma calça, pois o poema faz referências à cintura, ao bumbum e a não poder comer estando vestido com ela.*
- Releia a 1ª estrofe e observe os tipos de predicado empregados nas orações.
 - De que ou de quem as orações tratam? *De uma calça.*
 - Dos dois tipos de predicado (verbal e nominal), um deles predomina nessa estrofe? *Não, há três orações com predicado nominal e três com predicado verbal.*
 - Que relação existe entre os tipos de predicado empregados nas orações da estrofe? *Por meio do predicado nominal, o eu lírico informa como cada calça é, enquanto por meio do predicado verbal ele informa o que cada calça o faz sentir.*
- Releia a 3ª estrofe, observando também os tipos de predicado empregados nas orações.
 - De que ou de quem as orações predominantemente tratam? *Do próprio eu lírico.*
 - Que tipo de predicado predomina nessa estrofe? *O predicado verbal.*
 - Que relação existe entre o tipo de predicado predominantemente empregado nas orações e o assunto da estrofe? *Por meio do predicado verbal, o eu lírico informa o que sente e o que não pode fazer estando vestido com a calça.*
- Na penúltima estrofe predomina o predicado nominal. Observe de que o eu lírico está tratando e conclua: Por que nessa estrofe predomina esse tipo de predicado? *Porque o eu lírico está procurando uma explicação sobre de quem é a culpa e de quem é o erro.*
- Os produtos industrializados geralmente saem da fábrica com um número de série e passam por um controle de qualidade, que tem em vista garantir que eles correspondam ao previsto.
 - Que idade você acha que o eu lírico tem? *Resposta pessoal. Espera-se que o aluno responda que se trata de um adolescente ou jovem, de 11/12 anos ou mais.*

abordagem central e suas inferências. Posteriormente, como podemos ver nas questões de números três, quatro e cinco, o autor procura explorar as evidências linguísticas do texto que

contribuem para exprimir as ações e os sentimentos (estados de espírito) do eu poético ao longo do poema; na situação descrita.

Constatando-se, assim, que para expressar os estados e sentimentos do eu lírico, o poeta utiliza-se do predicado nominal, cujo núcleo é um predicativo (característica). Em contrapartida, pode ser visto o uso do predicado verbal, cujo núcleo é um verbo significativo, que demarcará as ações tomadas pelo eu lírico ao longo do texto, nas situações descritas.

Além disso, nessa página do livro, pode ser encontrado no canto inferior esquerdo, um *boxe*, cujo conteúdo mostra a relevância dos tipos de predicado no processo de comunicação e, acima de tudo, como esse saber da esfera da sintaxe contribui efetivamente na e para a expressão dos nossos sentimentos e das nossas atitudes ao longo das vivências com o mundo e com o outro.

Ilustra-se, dessa maneira, mais uma vez, a importância da ferramenta (predicado) fornecida pelo sistema lingüístico, na construção de sentido. Com esse tipo de abordagem feita pelo professor, o aluno consegue vislumbrar uma relação clara entre instrumentação linguística e uso efetivo. A Língua mais uma vez é flagrada em seu uso para expressar uma situação comunicativa concreta. Ratificando, então, as nossas considerações iniciais acerca da importância do uso /aplicação para o ensino e aprendizagem efetivos de português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessa pesquisa, conforme exposto logo nas primeiras linhas da mesma, foi o de refletir sobre o ensino de língua portuguesa no Brasil na contemporaneidade. Trazendo à tona uma série de reflexões que pudessem aprimorar de alguma forma nossa visão sobre questões do tipo: O que, para que e como ensinar língua portuguesa nos dias atuais? Como desenvolver a percepção da comunidade discente acerca da importância da língua portuguesa para a concretização do processo comunicativo?

Nessa empreitada, antes de focalizarmos nossas atenções sobre o que nos propusemos a discutir, que é o ensino de alguns assuntos na área da sintaxe, levantamos reflexões sobre o papel do professor de português e sua forma de mediar a abordagem feita sobre gramática hoje, em sala de aula, sem prender-se a regras intermináveis, sem desprezá-las, mas sim, usar do bom senso para equacionar o saber teórico e sua aplicação efetiva, trazendo a conscientização para o aluno usuário/falante de sua língua materna, de que o sistema idiomático não é repulsivo e distante de sua realidade, mas sim, que pode oferecer diversos mecanismos para a sua melhor desenvoltura comunicativa.

No que se diz respeito aos exemplos, comentários e sugestões sobre os assuntos abordados na área da sintaxe, não são paradigmas a serem seguidos para se obter sucesso irrevogável na aplicação de tais conteúdos nas aulas de português. Sendo, de fato, apenas algumas possibilidades de direcionar o olhar do aluno para novos horizontes ao estudar língua portuguesa. Fazendo-o observar mais conscientemente como a organização sintática de um texto, por exemplo, torna-o coerente, claro e mais fácil de ser compreendido.

Mediante ao exposto, pudemos ver a relevância desse trabalho, principalmente para os graduandos do curso de letras, professores de língua portuguesa já atuantes e outros que se interessem pelas questões nele abordadas. Apesar de ser usada a linguagem requerida pelos moldes da construção científica, a forma de se apresentar em as questões nessa pesquisa foi sucinta, a fim de ser uma leitura acessível e que falasse diretamente aos que nela buscassem compreender e ser compreendido, dentro das modificações que o ensino de língua portuguesa na contemporaneidade nos vem exigindo.

REFERÊNCIAS

- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Nova minigramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática: texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 2008.
- _____. *Gramática reflexiva (7º ano)*. São Paulo: Atual, 2012.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luiz Felipe Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.